



A P E Q

Estudos do Quaternário

Revista da Associação Portuguesa
para o Estudo do Quaternário

Quaternary Studies

Journal of the Portuguese Association
for Quaternary Research

Nº. 5, 2008



SAPA FÓSSIL

Praia de S. Paio, Labruge, Vila do Conde, Portugal
(Fotografia de Assunção Araújo)

Fossil notch

S. Paio beach, Labruge, Vila do Conde, Portugal
(Photography of Assunção Araújo)

CONTRIBUTOS PARA A HISTÓRIA DE UM LUGAR. O TÚMULO 1 DE CAMPO DE CAPARINHO, VILAR DE PERDIZES, MONTALEGRE, NO CONTEXTO MICRO-REGIONAL

ANA M. S. BETTENCOURT*, ANTÓNIO DINIS* & LUÍS LOUREIRO*

Resumo

Publicam-se os resultados dos trabalhos de escavação, realizados em Setembro de 2003, numa estrutura tumular neolítica de Campo de Caparinho, freguesia de Vilar de Perdizes, concelho de Montalegre. A escavação deste monumento tornou-se particularmente importante, quer pelas suas especificidades arquitectónicas que traduzem integração de elementos geomorfológicos pré-existentes, quer pelo facto de ter permitido comprovar a existência de estruturas tumulares em área de importantes gravuras rupestres. Partindo do princípio de que estas construções e as acções que lhe são inerentes são actuaes na criação e na manutenção da identidade grupal e da memória, discute-se o seu papel social no contexto de Campo de Caparinho, um lugar de grande significação simbólica desde o Neolítico à Idade do Bronze.

Palavras - chave: NE de Portugal, Neolítico, túmulo, práticas e estruturas mortuárias, identidade, memória, biografia do lugar de Campo de Caparinho.

Abstract

Contributions to the biography of a place: the tomb 1 of the Campo de Caparinho in the micro-regional context: This article discusses the results of the diggings of a pre-historic tomb surveyed in September 2003. They lie within the archaeological group at Campo de Caparinho in the parish of Vilar de Perdizes, municipality of Montalegre. This tomb is located in an area containing important archaeological remains, in which there are also rock engravings and several places where ceramic and stone artefacts have been found, all of which can generally be dated between the Neolithic and the Bronze Age. The importance of this tomb is related with the geomorphology context, its architectonic particularities and with the evidence of human actions related with fire, with different rocks and, eventually, with water. Assuming that these buildings and the actions that are inherent are working in the development and maintenance of group identity and memory, it discusses its social role in the context of Caparinho, a place of great symbolic significance since the Neolithic to the Bronze Age.

Key - words: NE of Portugal; Neolithic; tomb, mortuary and structures practices, identity, memory, biography of the place of Campo de Caparinho.

1. INTRODUÇÃO

A descoberta desta estrutura ocorreu em Maio de 2002 quando pretendíamos identificar vestígios arqueológicos que se pudessem relacionar, em termos espaciais e cronológico-culturais, com as diversas gravuras rupestres encontradas em Campo de Caparinho e parcialmente objecto de publicação (BETTENCOURT 2004, 2006; BETTENCOURT *et al.* 2004; BETTENCOURT & DINIS 2007).

Após as devidas formalidades, com o então Instituto Português de Arqueologia, procedemos à

escavação deste imóvel durante o mês de Setembro de 2003.

Os trabalhos realizaram-se no âmbito do projecto *Manifestações simbólicas e povoamento do Neolítico à Idade do Ferro entre o alto Cávado e o alto Tâmega (Norte de Portugal)*, inscrito no Centro de Ciências Históricas e Sociais (CCHS) da Universidade do Minho, com a referência HIST/02/PC.01.

* Centro de Investigação Transdisciplinar de Cultura, Espaço e Memória – CITCEM (Univ. do Porto e Univ.Minho).
E-mail: anabett@uaum.uminho.pt

2. LOCALIZAÇÃO E CONTEXTOS: GEOMORFOLÓGICO, AMBIENTAL E ARQUEOLÓGICO

O Campo de Caparinho localiza-se no distrito de Vila Real, concelho de Montalegre, freguesia de Vilar de Perdizes (S. Miguel), na zona fronteira com Espanha (Fig. 1).

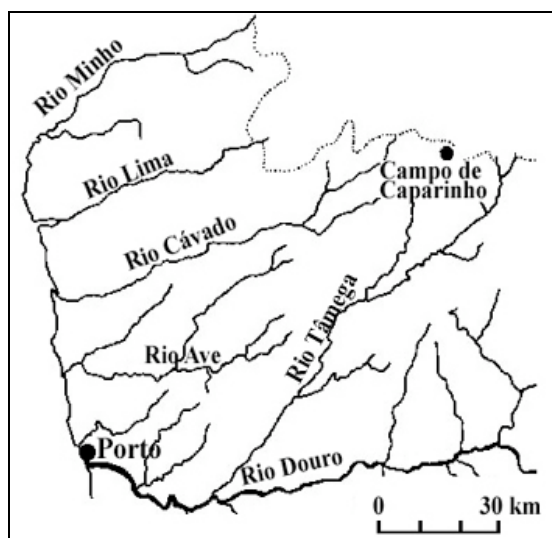


Fig. 1 - Localização de Campo de Caparinho.

Fig. 1 - Location of Campo de Caparinho.

Trata-se de um topónimo que abarca uma área com alguns hectares, situando-se o monumento em estudo numa pequena plataforma de meia vertente, existente na margem esquerda do rio Assureira, afluente do rio Tâmega. O local, intensamente agricultado até meados do séc. XX, está actualmente coberto de vegetação arbustiva e herbácea. Nas cercanias crescem carvalhos e castanheiros, alguns deles, de plantação recente.

O acesso é relativamente fácil, podendo fazer-se pelo estradão que vai de Vilar de Perdizes em direcção à capela de Santa Marinha.

No local conhecido por Pardelhas é necessário virar à direita por um caminho carreteiro. As coordenadas geográficas segundo a Carta Militar de Portugal na escala 1:25000, folha 20 - são as seguintes (Fig. 2):

Latitude: 41° 51' 55'' N (GW)

Longitude: 7° 36' 15'' W

Altitude máxima: 730/720 m.

Segundo a Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, folha 2-D (Vilar de Perdizes), o substrato rochoso da região é composto por granitos alcalinos de grão médio a grosseiro, de duas micas, que afloram à superfície (TEIXEIRA & ASSUNÇÃO,

1970), embora, localmente se registem afloramentos de rochas metamórficas, algumas de tipo metagrauvaques (Inf. oral de Isabel Caetano Alves).

A área é rica em vestígios arqueológicos.



Fig. 2 - Localização do Túmulo 1 de Campo de Caparinho. Excerto da Carta Militar de Portugal, 1:25000.

Fig. 2 - Location of Campo de Caparinho Tomb 1, in the "Carta Militar de Portugal", 1:25000.

A cerca de 15 m para noroeste do túmulo, existe um afloramento granítico aplanado onde covinhas naturais e de origem antrópica, se associam a sulcos efectuados por picotagem. Trata-se da gravura 1 de Campo de Caparinho (Fig. 3). Nos muros de divisão de propriedades existentes nas imediações, a norte e noroeste, foram encontradas duas estelas e a gravura 3 - um afloramento vertical com motivos abstractos (BETTENCOURT, 2004, 2006).

A leste, já em plena vertente virada ao rio, fica a impressionante estação de arte rupestre do Penedo do Matrimónio (BETTENCOURT *et al.* 2004). Na envolvente registam-se, ainda, diversas jazidas onde ocorrem fragmentos cerâmicos e líticos inseríveis na Pré-História Recente. Entre estes destacamos a Crista de Caparinho, uma pequena pala quartzítica com gravuras na superfície externa, associada a moventes manuais e a recipientes cerâmicos datados radiometricamente da 2ª metade do IV milénio AC, a cerca de uma centena de metros a norte-noroeste do túmulo em estudo (BETTENCOURT & DINIS, 2007).

A 100 metros para oeste deste imóvel destacamos, ainda, a grande acumulação de núcleos de quartzo leitoso, talvez a indiciar a existência de uma área de exploração intensiva deste tipo de matéria-prima.



Fig. 3 - Fotografia geral do monumento antes da escavação, com a localização da gravura 1 no afloramento em segundo plano.

Fig. 3 - General view of the monument before the archeological digging, with the location of the outcrop with the engravings nº 1 in the background.

3. METODOLOGIA

Iniciámos os trabalhos neste túmulo pela limpeza do coberto vegetal, tendo, de seguida, quadriculado a área a escavar com uma malha de 1x1 m. Foi efectuado o desenho superficial à escala 1:20 (Fig. 4) e o levantamento topográfico do montículo à escala de 1:50 (Fig. 5). Por impossibilidade de ligação à rede topográfica nacional, escolhemos um ponto de referência ao qual atribuímos a cota 721.99 m. O local eleito foi o ponto mais elevado de um afloramento granítico situado a 4m para oeste do túmulo que tem a particularidade de conter entalhes rectangulares de origem antrópica, testemunho de formas tradicionais de extracção de pedra.

Posteriormente, procedemos à decapagem da camada humosa em vários quadrados, com o objectivo de inferirmos a arquitectura superficial do monumento, na direcção Norte-Sul e Este-Oeste.

Abrimos, assim, os quadrados A2, B2, B3, C1, C2, C3, C4, C5, D3 e E3. Após a sua decapagem inicial e por forma a reduzir ao mínimo a destruição deste imóvel, optámos por escavar, até à rocha de

base, apenas os quadrados C1, C2, C3, C4 e C5, ou seja, as sanjas Sul e Norte. Tal, permitiu-nos obter dois perfis estratigráficos, passando pela área da câmara, intensamente perturbada.

A decapagem processou-se pela extracção das camadas naturais, de forma faseada quando tal se justificava. O desmantelamento da estrutura pétrea foi efectuado tendo em atenção a detecção de diversos tipos e colorações de rochas, artefactos líticos e blocos com formas sensivelmente antropomórficas. Em todos os desenhos registámos, com tramas distintas, os diversos tipos de rocha usados na composição da estrutura tumular.

Após a escavação o monumento foi tapado com geotêxtil, terra e pedra. De forma a repor a morfologia original do sítio.

O espólio cerâmico e lítico, proveniente da escavação, deu entrada no Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, em Braga. Os ecofactos recolhidos foram enviados para análises de antracologia, efectuadas por Isabel Figueiral e os restantes para datações por radiocarbono. Estas realizaram-se no laboratório Beta Analytic Inc, em Miami, USA.

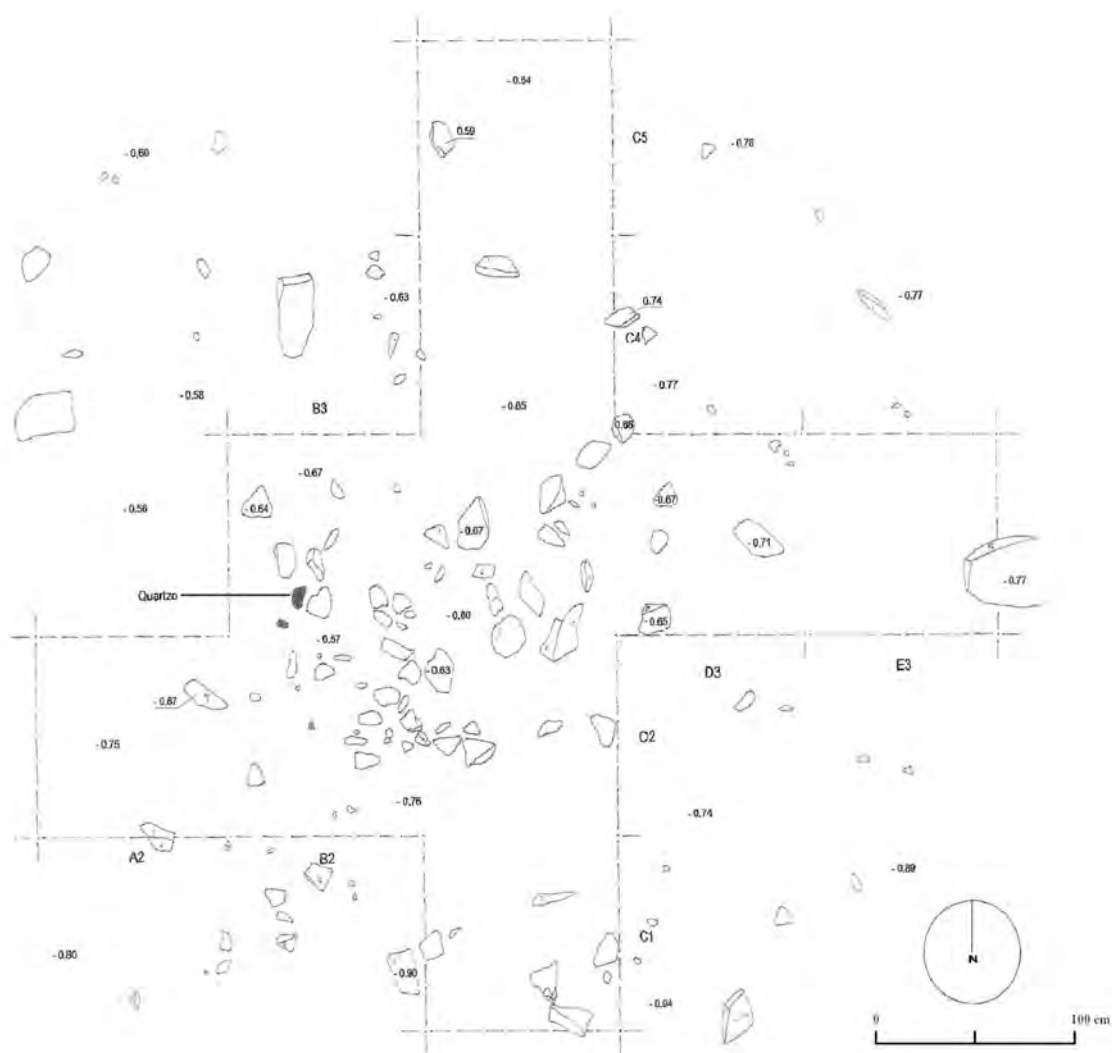


Fig. 4 - Desenho da superfície da área do monumento.

Fig. 4 - Design of the surface of the monument.

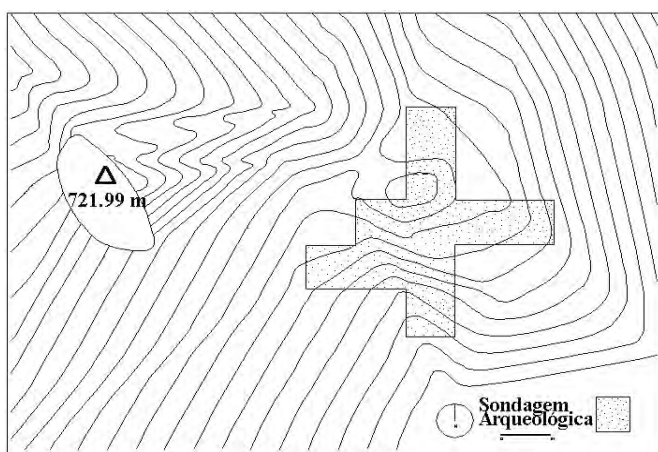


Fig. 5 - Levantamento topográfico da área do túmulo com implantação da quadricula, à escala 1:50.

Fig. 5 - Topographic survey of the tomb area with deployment of the grid. Scale 1: 50.

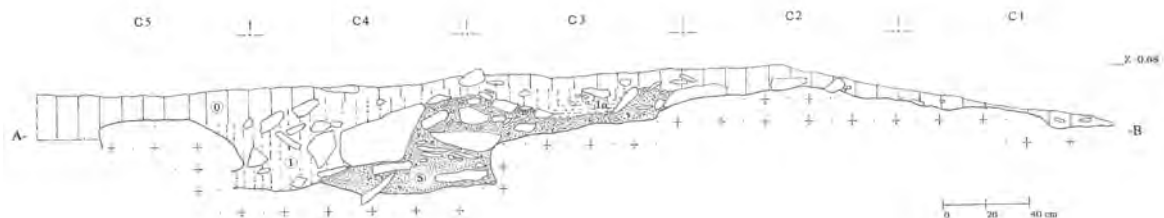


Fig. 6 - Perfil Este do túmulo.

Fig. 6 - Stratigraphic profile of the tomb, East side.

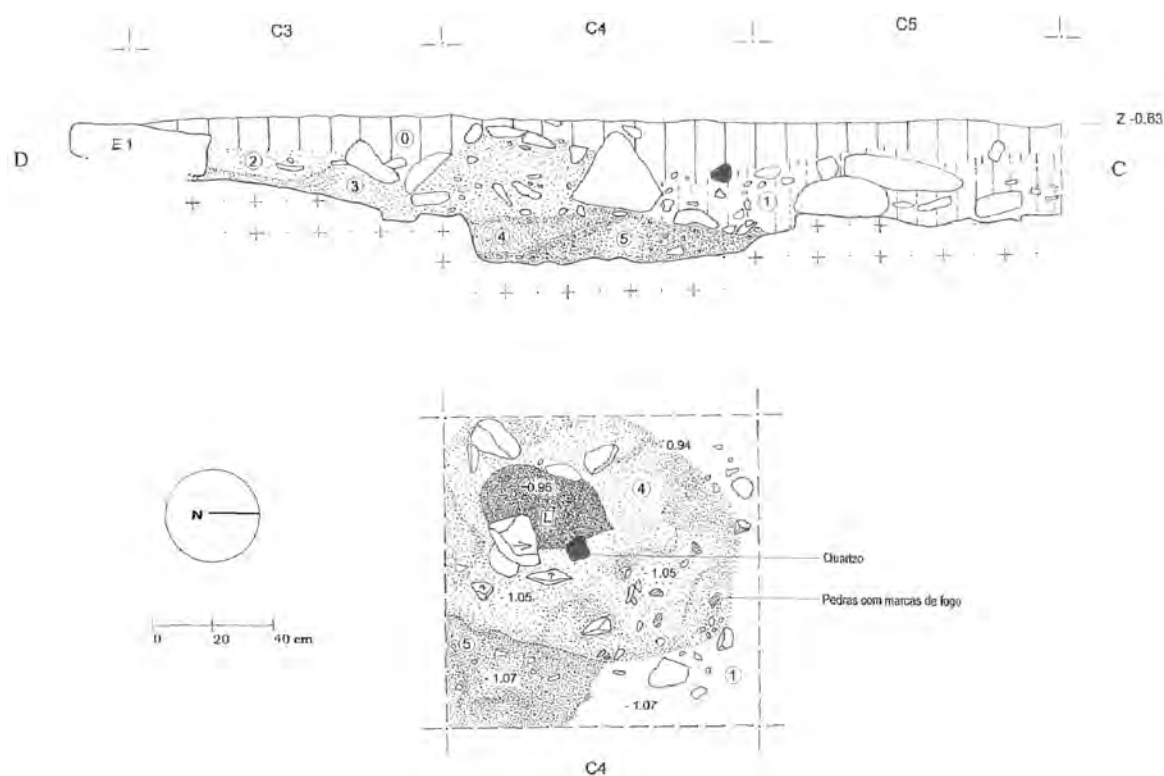


Fig. 7 - Perfil Oeste, parcial, e planta da estrutura de combustão do quadrado C4.

Fig. 7 - Stratigraphic profile of the tomb (West side) with the fireplace of the C4.

4. ESCAVAÇÃO

Apesar do estado de destruição a que tinha sido sujeito este monumento, as suas características estratigráficas permitiram, ainda, reconstituir alguns dos seus aspectos construtivos.

4.1. Estratigrafia

Sanjas Norte – Sul e Câmara

Nos quadrados C1, C2, C3, C4 e C5, a estratigrafia apresentava a sequência (Fig. 6 e 7) descrita a seguir.

Camada 0 - terra heterogénea, castanha escura, com manchas cinzentas e carvões resultantes de incêndios recentes. Apresentava textura areno-limosa, granulosa, nada compacta, com inclusões de raízes. Corresponde à camada humosa.

Camada 1 - terra castanha, menos heterogénea do que a anterior, areno-limosa, nada compacta, granulosa. Poderá corresponder a terras do *tumulus* misturadas com a camada humosa.

Camada 1a - terra castanha mais escura, areno-limosa, medianamente compacta. Corresponde a terras parciais do *tumulus*.

Camada 2 - terra amarela, homogénea, nada compacta, de granulidade muito fina, similar à camada 5 mas ocorrendo na área da câmara.

Camada 3 - terra castanha, areno-limosa, medianamente compacta, com alguns carvões. Corresponde a terras do enchimento do contraforte, embora com o desmembramento da câmara tenha ocupado o seu interior. É parcial.

Camada 4 - terra cinzenta com cinzas e carvões abundantes, nada compactas, contendo calhaus de médio porte. Corresponde a terras em contacto com uma estrutura de combustão existente por baixo e na periferia do contraforte. Ocorre, parcialmente, no quadrado C4.

Camada 5 - terra amarela, nada compacta, de granulidade muito fina, resultante, quer da rocha de base em desintegração, quer da desintegração das pedras do contraforte. Por estes motivos pode ocorrer na base do monumento ou misturar-se com a camada 3.

Ao analisarmos a estratigrafia do monumento verificou-se, de imediato, que a câmara já não continha sedimentos antigos, *in situ*, e que as terras do *tumulus*, onde este existia, estavam muito perturbadas pela camada humosa. Também foi possível perceber que o monumento foi construído directamente sobre o substrato rochoso, constituído por uma rocha metamórfica do tipo metagrauvaque, não existindo, portanto, qualquer indício de paleo-solo.

4.2. Arquitectura

4.2.1. O *tumulus*

O *tumulus* artificial que inicialmente constituiria parte integrante deste monumento encontrava-se extremamente danificado, com excepção da área ocupada pelos quadrados C3 e C4, onde foi possível, a partir da estratigrafia, perceber algumas das suas características construtivas. Verificámos, assim, que teria existido um contraforte lítico efectuado directamente sobre o afloramento, já então, em estado de desintegração parcial. Tal facto, permitiu o aproveitamento da pedra local na construção desta estrutura, numa optimização de recursos. Aliás, as dimensões das pedras do contraforte eram semelhantes às lajes que se iam desintegrando da rocha de base. Apesar desta preferência pela rocha local o contraforte continha, ainda, alguns calhaus de quartzo leitoso e de feldspato, de média e pequena dimensões, que se espalhavam, de forma sensivelmente regular, pelos diferentes quadrados numa visível intencionalidade. Alguns xistos, ou outras rochas metamórficas eram mais raras mas apareceram nos quadrados B2, B3 e C4, a oeste e norte da câmara funerária, respectivamente.

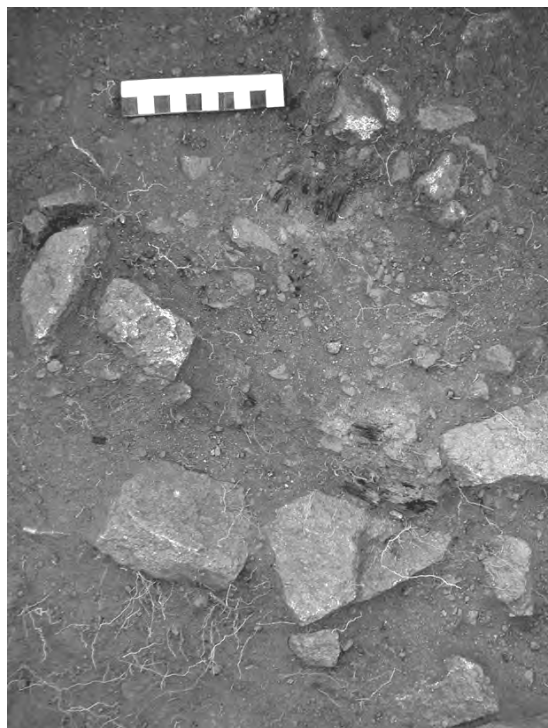


Fig. 8 - Estrutura de combustão.

Fig. 8 - Fireplace.

O imbricado de blocos líticos que compunha o contraforte estava bem estruturado sendo o seu fecho construído por blocos de maior dimensão, dispostos obliquamente, à cota média de -1.11 m. A fase terminal desta estrutura assentava sobre um lajeado de pedras colocadas, sensivelmente, na horizontal. Sobre parte deste empedrado, mais precisamente no quadrado C4, foi efectuada uma lareira, de contorno sub-circular, composta por alguns calhaus fumigados e por uma grande acumulação de carvões (Fig. 7 e 8).

O topo do contraforte parece ter sido perturbado, a sudoeste e a noroeste dos quadrados C3 e C4, respectivamente, dada a disposição dos blocos líticos que aqui formavam uma espécie de nicho rectangular, atípico. Esta eventual perturbação, não forneceu carvões nem qualquer outro tipo de espólio que indiciasse, com segurança, tratar-se de uma reutilização secundária de época pré-histórica, pelo que poderá ter resultado da acção das raízes, tendo em conta que esta estrutura se encontrava à superfície e muito perturbada em inúmeros locais.

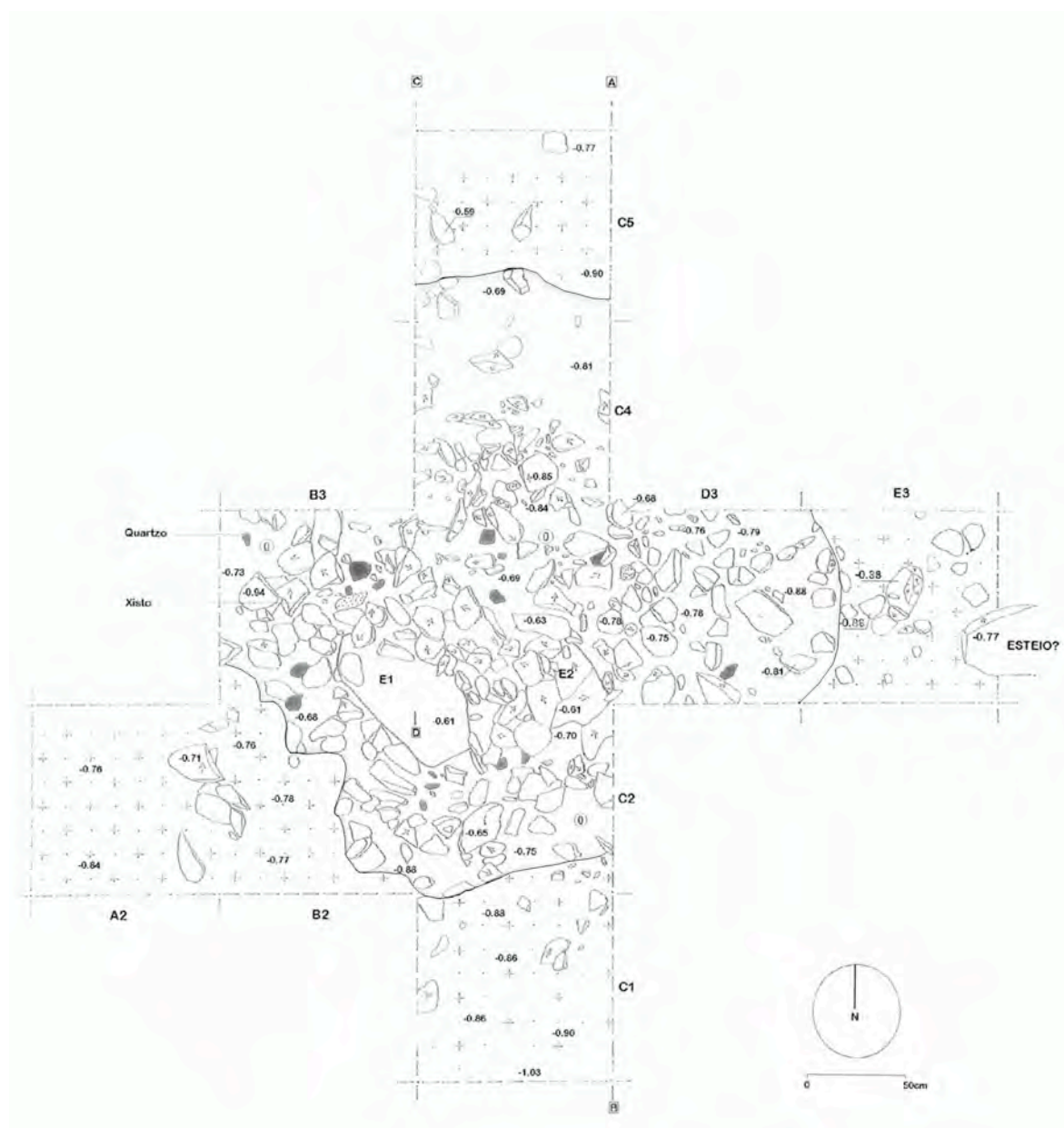


Fig. 9 - Pormenor do monumento após a decapagem da camada humosa. A linha mais carregada delimita a área do contraforte.

Fig. 9 - Detail of the monument after the excavation of the layer humus. The most loaded line delimiting the area of the counterfort of the funerary chamber.

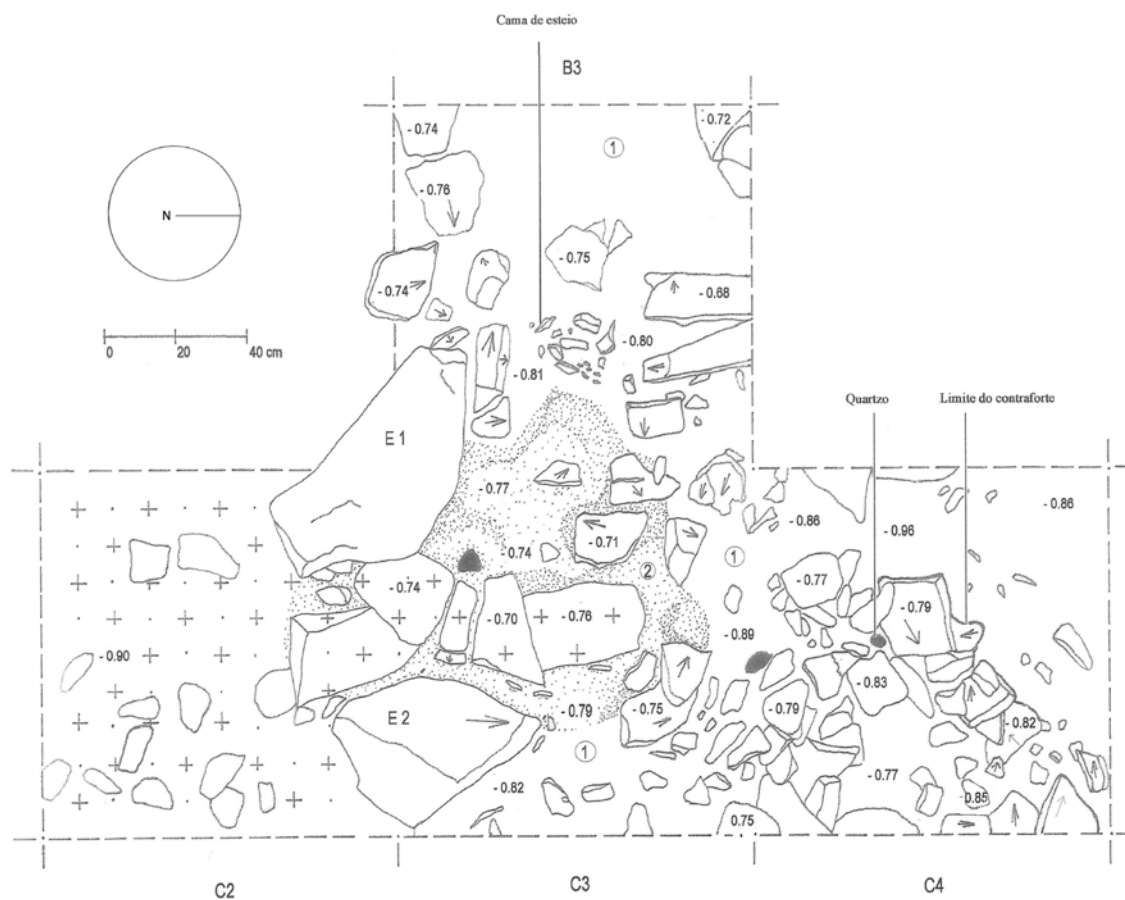


Fig. 10 - Pormenor da área da câmara. De notar uma cama de esteio, no quadrado B3.

Fig. 10 - Detail of the area of the funerary chamber.



Fig. 11 - Fotografia geral do monumento após a decapagem inicial.

Fig. 11 - General view of the monument after beginning of the excavation

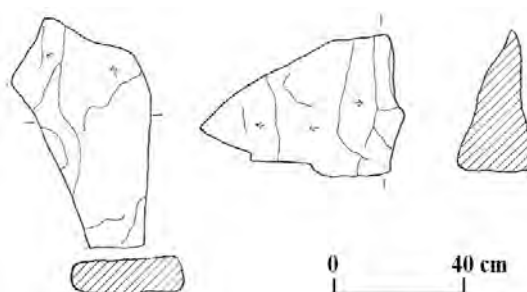


Fig. 12 - Esteio nº 1 e fragmento do esteio nº 2.

Fig. 12 - Orthostatic nº 1 and fragmento of nº 2.

Dada a intensidade dos trabalhos agrícolas desenvolvidos em Campo de Caparinho até meados do séc. XX, a couraça lítica superficial estava praticamente destruída, sendo apenas identificável a sua fase terminal, no quadrado C4 (Fig. 6). Assim, as pedras descobertas pela decapagem, nos restantes quadrados escavados, deverão pertencer ao contraforte (Fig. 9).

4.2.2. A câmara

Na área central do monumento, detectámos dois esteios fracturados e tombados para o interior da câmara (Fig. 9, 10 e 11). Um deles, que designámos por esteio nº 1, encontrava-se nos quadrados B2, B3, C2 e C3, aflorando parcialmente à superfície. Após ter sido levantado, verificámos que a sua superfície interna tinha sido alisada como se tivesse sido preparada para ser pintada. Este alisamento confere-lhe um tom amarelado que supomos ser da própria rocha. Não registámos pinturas ou gravuras, mesmo em observação nocturna. Na sua provável posição original teria cerca de 0.76 m de altura (Fig. 12 e 13).

O esteio nº 2, fracturado no topo, tinha ainda 0.42 m de altura. Também foi alisado na superfície interna onde se verificava a mesma tonalidade amarelada existente no esteio nº 1 (Fig. 12).

Na camada 1 do quadrado B3 registámos o que interpretámos como uma possível cama de esteio composta por pequenas lajes fincadas na vertical (calços?), definindo uma área de contorno oval, com cerca de 0.22 m de comprimento por 0.10 m de largura (Fig. 10, 13 e 14).



Fig. 13 - O monumento após a escavação integral das sanjas S-N e Este. O esteio nº 1 foi colocado na posição que cremos original, ao lado duma "cama" doutro esteio.

Fig. 13 - General view of the monument after the excavation of the ditches South-North and East. The orthostatic 1 was placed in the original position, along with a "bed" of another orthostatic.

Disponham-se, sensivelmente, ao lado da eventual cama do esteio nº 1, caso este tenha caído sem ter sido grandemente deslocado.

Dado o estado de destruição da câmara, a determinação das suas características torna-se extremamente difícil. Apenas podemos presumir que seria fechada e não muito grande nem alta, tendo em conta as dimensões dos esteios.



Fig. 14 - Pormenor da "cama" do esteio.

Fig. 14 - Detail of the orthostatic "bed".

4.3. Deposições

Os vestígios de oferendas depositadas neste monumento são escassos o que pode ser atribuído às condições de perturbação e destruição descritas anteriormente.

4.3.1. Cerâmicas

Na camada 0 do quadrado C4, além de um fragmento de cerâmica actual, encontrámos dois fragmentos de panças de fabricos manuais, de pastas arenosas, de cores escuras e alisados nas superfícies externas. Não pertenciam ao mesmo recipiente pois as texturas diferiam de forma significativa, sendo uma das panças grosseira e a outra mediana.

Também, na camada 0 do quadrado C1, se encontrou um fragmento de uma pança arenosa, grosseira, mal cozida, de cor acastanhada, já corroída, atribuível à Pré-História. Na camada 3 do quadrado C4, na área que supomos corresponder a uma perturbação posterior à construção inicial do contraforte, exumámos um fragmento de pança com características técnicas semelhantes aos anteriores mas de pasta mais grosseira e de coloração alaranjada. Nenhum deles fornece forma.

4.3.2. Líticas

O material lítico também é escasso. Apenas foi exumado um cristal de quartzo na camada 5 do quadrado C3, um fragmento de seixo branco rolado e achatado (do rio), fumigado, na camada 4 do quadrado C4, ou seja, na lareira aí detectada, e um fragmento de seixo quartzítico, rolado, sem retoque, na camada 2 do quadrado C3.

4.3.3. Ecofactos

Vários carvões foram retirados da estrutura de combustão do quadrado C4, camada 4, quer para análise de antracologia, quer de radiocarbono.

5. ANÁLISES DE ANTRACOLOGIA

As análises de antracologia permitiram determinar que a matéria vegetal predominantemente queimada na lareira foi o Pinheiro de tipo silvestre (*Pinus* tipo silvestres), apesar de ter aparecido um fragmento de Urze ou Arando (*Ericaceae*), presumivelmente usado para acender a fogueira (Isabel Figueiral - informação oral).

6. ANÁLISES POR RADIOCARBONO

A datação de carvão de pinheiro que se publica (quadro 1) é proveniente do laboratório Beta Analytic Inc., Miami, USA, tendo sido usada para a sua calibração a curva de M. Stuiver *et al.* (1998).

Quadro 1 - Idade obtida por C¹⁴, em anos BP.

Table - Radiocarbon age in years BP

Ref. Laboratório: Beta - 188257
Proveniência: CCP/03 - T1 QC4C4
Data BP: 4800 ± 70
Cal. BC (1sigma): 3650-3520
Cal. BC (2sigma): 3700-3495; 3455-3375

Como se pode verificar pelo resultado da análise, os troncos de pinheiro usados na estrutura de combustão, deverão datar-se, muito provavelmente, do segundo quartel do IV milénio AC, tendo em conta a calibração a 1 e a 2 sigma. Esta data afigura-se-nos aceitável para a construção do monumento, dado que a lareira, de onde foram retirados os carvões para análise, parece ter sido contemporânea do momento da erecção deste imóvel. Aguardamos, no entanto, os resultados de uma datada AMS, a partir de um pequeno ramo de *Eriacacea*, para precisar a cronologia do monumento.

7. DISCUSSÃO

Do que nos foi possível observar no decorrer da escavação, o túmulo 1 de Campo de Caparinho seria de pequenas dimensões, com cerca de 2.80 m de diâmetro, ao nível do contraforte, e cerca de 0.80 m ou 0,90 m de altura tendo em atenção o que nos pareceu a posição correcta do esteio nº 1.

Trata-se de um monumento funerário atípico, dado ter sido construído em cima de um afloramento rochoso, o que permitiu o reaproveitamento de muitos blocos em desintegração, numa clara economia de esforço e de recursos.

Curiosamente, na área onde o afloramento é mais baixo, há indicadores de uma construção “clássica”, caracterizada por contraforte, terras do *tumulus* e couraça superficial, embora esta seja vestigial.

Este monumento seria provido de uma câmara, aparentemente simples, com vários esteios. Os que observámos foram alisados, na face interna, o que lhes conferiu uma cor amarelada.

Com excepção dos ecofactos e de alguns artefactos líticos, os fragmentos cerâmicos eram escassos e encontravam-se descontextualizados, dada a violação total da câmara e a grande destruição do *tumulus*.

Mesmo assim, a sua heterogeneidade em termos de pastas, cores e de acabamento externo, indicia o depósito de vários recipientes. O cristal de quartzo talvez se deva considerar *in situ*, pois foi encontrado no interior das terras do contraforte, assim como o fragmento de seixo branco, colocado na estrutura de combustão.

No entanto, a importância do túmulo 1 de Campo de Caparinho não se esgota nestas ilações, de âmbito descritivo, pois o local onde foi construído, a forma como tal se efectuou e as práticas aí realizadas, constituem actos sociais eivados de inúmeras significações simbólicas que permitem outra ordem de interpretações.

Em primeiro lugar, verifica-se que este imóvel, assim como outros entretanto desaparecidos no local, foram implantados numa plataforma relativamente fechada, rodeada por afloramentos rochosos, outeiros e esporões, tendo apenas ampla visibilidade para o vale do rio Assureira que corre nas proximidades.

Tal disposição espacial permite admitir, embora como hipótese de trabalho, uma possível relação entre a água (ou o seu movimento) e a morte, igualmente “legível” a partir da deposição de um seixo do rio, na lareira existente sob o *tumulus*. A existência desta lareira, que cremos fundacional, poderá indiciar, igualmente, ritos associados ao

fogo, comuns em construções megalíticas peninsulares e europeias. Esta estrutura, provavelmente usada apenas uma vez, dada a uniformidade do combustível escolhido (Pinheiro de tipo silvestre), poderia ter atingido grandes temperaturas e provocado chamas altas e bem visíveis, num efeito cénico premeditado. A deposição do referido seixo branco de origem fluvial, no seu interior, permite colocar a hipótese de que teria existido a intenção de associar a água ao fogo, num universo ideológico que valorizaria a importância de elementos de significação contrária, no momento da morte.

Em segundo lugar, a colocação de um cristal de quartzo e de vários quartzos leitosos, feldspatos e xistos, no interior do contraforte, também revela deposição intencional de minerais e rochas existentes nas proximidades, o que poderá encarar-se como resultante de acções ritualizadas, associadas à importância simbólica dos diferentes elementos petrográficos na natureza. Do mesmo modo é intencional o polimento da face interna dos esteios que ganham um tom amarelado, talvez revelador de uma simbologia das cores relacionada com o mundo dos mortos.

Em terceiro lugar, é de supor a ocorrência de ritos que pressupõem oferendas aos corpos, materializados pela deposição de recipientes cerâmicos no interior da câmara.

Outra questão que nos parece importante, é o facto deste monumento se ter adossado e adaptado a um afloramento de uma rocha distinta das que comumente afloram à superfície do local, razão pela qual presumimos que este acidente geomorfológico teve uma significação especial para os seus construtores, tanto mais que a matéria-prima para a sua consecução teria sido facilmente obtida em afloramentos graníticos da área.

Deste modo, é verosímil admitir que este micro-local já tivesse uma história, antes da construção do túmulo, mas que só a partir deste momento as propriedades, eventualmente conferidas a este lugar natural, tivessem sido intencionalmente associadas à(s) personagem(ns) aí enterrada(s). Tal poderia ter contribuído para transformar estes mortos em agentes ao serviço da coesão grupal ou inter-grupal das comunidades neolíticas que viveram neste território. Assim sendo, é verosímil admitir que este

local se poderia ter transformado num “lugar mítico” para as gerações posteriores que o terão mantido simbolicamente activo, através de diferentes “histórias”, monumentos e respectivos ritos e cerimónias a eles associados. Tal parece estar de acordo com o facto de Campo de Caparinho apresentar diferentes manifestações de interacção física e simbólica com o meio, datáveis de entre o Neolítico Médio/Final até à Idade do Bronze.

Esta hipótese, assim como as anteriormente levantadas devem, naturalmente, ser testadas no âmbito de novos projectos de investigação interdisciplinares a desenvolver nesta pequena área privilegiada do Nordeste transmontano.

BIBLIOGRAFIA

- BETTENCOURT, A.M.S. (2004). Um caso paradigmático de património arqueológico e antropológico na fronteira de Portugal e Galiza, *Actas do IIº Congresso Internacional Investigação e Desenvolvimento Sócio-Cultural*, Associação para a Investigação e Desenvolvimento Sócio-Cultural (AGIR), Paredes de Coura, publicado em CD-ROM com a referência BETTENCOURT.PDF.
- BETTENCOURT, A.M.S. (2006). A transformação da paisagem e a construção de lugares de memória durante a Pré-História Recente do Norte de Portugal: o vale do Assureira, in *Actas das XVI Jornadas Sobre a Função Social do Museu. Ecomuseu do Barroso - Identidade e Desenvolvimento*, Minom - Movimento Internacional para uma Nova Museologia, Ed. Câmara Municipal de Montalegre e Ecomuseu do Barroso, Montalegre, pp. 109 - 123.
- BETTENCOURT, A.M.S. & DINIS, A. (2007). Arquitecturas e transformação de espaços naturais na Pré-História Recente do Norte de Portugal: Campo de Caparinho, Vilar de Perdizes, in Susana O. Jorge, Ana. M. S. Bettencourt & Isabel Figueiral (eds.) *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Setembro de 2004*, Universidade do Algarve, pp. 121- 130.
- BETTENCOURT, A.M.S.; SANCHES, M.J.; DINIS, A.P. & CRUZ, C. S. (2004). The rock engravings of Penedo do Matrimónio in Campo de Caparinho, Vilar de Perdizes, Montalegre (Northern Portugal), *Journal of Iberian Archaeology*, 6, Porto, ADECAP, pp. 62 - 82.
- STUIVER, M.; REIMER, P.J.; BARD, E.; BECK, J.W.; BURR, G.S.; HUGHEN, K.A.; KROMER, B.; Mc CORMAC, G.; van der PLIGHT, J. & SPURK, M. (1998). INTCAL 98 Radiocarbon Age Calibration, 24000 - 0 cal BP. *Radiocarbon*, 40 (3), pp. 1041-1084.
- TEIXEIRA, C. & ASSUNÇÃO, C.T. (1970). *Carta Geológica de Portugal na Escala 1/50 000. Notícia Explicativa da Folha 2-D. Vilar de Perdizes*, Serviços Geológicos de Portugal.

Estudos do Quaternário

Revista da Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário

Quaternary Studies

Journal of the Portuguese Association for Quaternary Research

Nº 5, 2008

ÍNDICE / CONTENTS

	Editorial	
	M. ASSUNÇÃO ARAÚJO	1-2
No on-going global flooding with the Sun back in the Centre	NILS-AXEL MÖRNER	3-10
Long to short time-scale factors in rocky coasts change in the NW Spain	R. BLANCO CHAO, M. VALCARCEL DÍAZ, M. COSTA CASAIS & A. PÉREZ ALBERTI	11-16
Depósitos do Pleistocénico superior e do Holocénico na plataforma litoral da região do Porto. A morfologia das plataformas de erosão marinha e a tectónica recente	M. ASSUNÇÃO ARAÚJO	17-30
Sea level changes and neotectonics: some examples in Portugal (Arrábida and Southwest)	ANA RAMOS PEREIRA	31-37
Climate, tectonics and beach erosion: the case of Espinho (NW Portuguese coast)	M. ASSUNÇÃO ARAÚJO	39-50
Variações do nível médio anual do mar em Cascais: características e tendências	ANTÓNIO AMILCAR ALVES DA SILVA, ELISABETE FREIRE & GONÇALO CRISÓSTOMO	51-66
<i>VARIÆ</i>		
Contributos para a história de um lugar: o túmulo 1 de Campo de Caparinho, Vilar de Perdizes, Montalegre, no contexto micro-regional	ANA M.S. BETTENCOURT, ANTÓNIO DINIS & LUIS LOUREIRO	67-78
Caça e pastorícia no Calcolítico do Noroeste de Portugal: estudo dos restos ósseos da estação arqueológica de Bitarados	JOÃO LUIS CARDOSO & ANA M.S. BETTENCOURT	79-86
Os combustíveis e as manufacturas em madeira durante a Idade do Ferro: estudo antracológico do xacemento de Castrolandín (Cuntis, Pontevedra)	MARÍA MARTÍN SEIJO	87-98
Ambientes e vida na terra – os primeiros 4.0 Ga	SUSANA FERREIRA, M. ISABEL CAETANO ALVES & PEDRO PIMENTA SIMÕES	99-116